

**A INVENÇÃO DO TORCER EM BELLO HORIZONTE:
“DA DIMINUTA CONCURRENCIA À FORMIDAVEL MASSA HUMANA”
(1904-1930)**

Georgino Jorge de Souza Neto
Sílvio Ricardo da Silva

Resumo

Buscar referências históricas da constituição da cidade de Belo Horizonte nos permite apreender melhor os sentidos com que determinada prática social se instituiu. Assim, o esporte e o divertimento ocupam uma função social atrelada às novas demandas da pretensa moderna capital. O futebol, então, reveste-se de significativa importância no cotidiano da nova cidade. O presente estudo objetiva investigar a constituição das torcidas de futebol em Belo Horizonte no movimento de passagem da assistência ao pertencimento clubístico. O método de investigação adotado é a pesquisa historiográfica, cunhada sob a ótica da História Cultural.

Palavras-Chave: Lazer; torcidas de futebol; cidade; história.

Abstract

Searching for historical references from the constitution of Belo Horizonte City allows us to better understand the senses in which a certain social practice was instituted. Therefore, the sport and the entertainment occupy a social function related to the new demands of the alleged modern capital. Football, then, takes a significant importance in the new city routine. The present study aims to investigate the constitution of the football supporters' groups in Belo Horizonte during the transition from the mere assistance to the football team belonging feeling. The investigation method that was adopted is the historiographic research in the light of the Cultural History.

Key-words: leisure, football supporters' groups, city, history.

Resumen

Buscar referencias históricas de la constitución de la ciudad de Belo Horizonte nos permite mejor aprehender los significados con que determinada práctica social se ha establecido. Así, el deporte y el entretenimiento ocupan una función social atada a las nuevas demandas de la moderna capital. El fútbol, entonces, se cubre de gran importancia en el cotidiano de la nueva ciudad. El presente estudio investiga la constitución de las hinchadas de fútbol en Belo Horizonte en el movimiento de pasaje de la asistencia al pertenecimiento clubístico. La metodología de investigación utilizada es la encuesta historiográfica, basada en la Historia Cultural.

Palabras-llaves: Ocio; hinchadas de fútbol; ciudad; historia.

Introdução

Este estudo objetivou investigar os movimentos que possibilitaram a formação de um público torcedor, desde a introdução do futebol em Belo Horizonte (1904), até a consolidação deste esporte na capital mineira (1930). Da “diminuta concorrência” à “formidável massa humana”; da assistência fortuita e de olhares desconfiados, à construção de um sentimento de pertencimento clubístico, com o estabelecimento de fortes laços afetivos de conexão entre os sujeitos e os clubes/times de futebol, a constituição das originais torcidas de futebol em Belo Horizonte dialogam com todo um contexto social e histórico. É neste contexto que então práticas tradicionais e modernas coexistem, permitindo a formação de vivências singulares à cidade de Belo Horizonte. As elites belo horizontinas buscavam referenciar-se em hábitos e costumes das grandes metrópoles. O futebol é parte deste projeto de modernidade, onde o esporte e o smartismo cunham um novo padrão de comportamento social, calcado no divertimento público, nos espaços abertos de convivência e nas relações ampliadas do círculo de pares. As torcidas de futebol se tornam um hábito cada vez mais propício para o adequado modo de vida moderno, criando uma demanda original para o desenvolvimento do espetáculo esportivo.

Neste sentido, as fontes deste estudo foram retiradas dos diversos periódicos publicados em Belo Horizonte, no período de 1904 a 1930. Acreditamos que a imprensa teve um fundamental papel na consolidação de novos costumes sociais instituídos na capital, reforçando alguns valores, e negando outros. O esporte, notadamente o futebol, é assunto frequente nos jornais belorizontinos neste período, e revela indícios importantes da atuação desta prática na dinâmica social da recém-inaugurada capital de Minas Gerais.

Belo Horizonte: “nem azas de condor, nem passos de jaboty”

A constituição da cidade de Belo Horizonte contém aspectos de caráter universais e concomitantemente singulares. Como uma das primeiras experiências de cidades planejadas no Brasil, a construção da nova capital do Estado de Minas Gerais é intensamente marcada pela noção de ‘modernidade’. Para Rodrigues (2006, p.33)

a cidade passou a ser o espaço e o tempo de realização da modernidade, e a nova capital de Minas Gerais deveria expressar uma transformação do Estado em um Estado moderno, em consonância com a nova ordem trazida pela República. Esse desejo de modernização vinha aliado, dentre outros aspectos, a um verdadeiro repúdio a tudo que estivesse ligado ao antigo regime colonial, representado pela antiga capital Ouro Preto. Pretendia-se romper com um passado colonial escravista e agrário. Belo Horizonte então passa a perseguir, desde a sua implantação, um ‘padrão civilizatório’.

Obviamente, este processo de formação, da cidade e dos modos de vivê-la, não se dá passivamente. Pelo contrário, é em um contexto de tensões e resistências que a pretensa cidade moderna vai se configurando. Em um trecho da crônica de Zut (1910, p.6), datada de 1910, temos a expressão deste quadro conflituoso:

Dizem uns que Bello Horizonte vae bem; dizem outros que vae mal e eu digo que não vae nem bem nem mal.

Proclamam uns que elle vâa com azas de condor; lamentam outros a sua morosidade de jaboty; para mim elle nem vâa e nem vae a passos demasiado vagarosos. Uns dão-lhe o nome de cidade moderna e elegante; outros chamam-lhe de aldeia; para mim elle não é uma perfeita cidade moderna, mas também não é uma aldeia: - fico sempre no meio termo, porque Bello Horizonte esta num meio termo.

Há uma inequívoca demonstração, na fala do cronista, de um duplo movimento ocorrido nos primeiros anos do século XX, em Belo Horizonte. Por um lado, um claro intuito do estabelecimento de uma cidade que possibilitasse a experiência excitante e vertiginosa da modernidade; por outro, porém, a ocupação da cidade “moderna” por sujeitos sociais distantes deste espírito, desse “ethos” moderno.

Todo este cenário foi explorado por Leticia Julião (1996, p. 66, 67), em seu estudo sobre Belo Horizonte no período de 1891-1920. Para a autora,

(...) Obviamente, uma transformação tão radical no modo de vida não ocorreu, em Belo Horizonte, como um passe de mágica. Só lentamente as elites mineiras se adaptaram àquele novo cenário urbano e adquiriram novos hábitos, vencendo suas resistências e desajustes. (...) Mas, apesar das impressões de abandono ou provincianismo, não se pode deixar de admitir que o cenário urbano acabou por inspirar um modo de vida moderno na capital. Processo que, aliás, alimentou-se, justamente, dessas forças ambíguas e paradoxais, originando uma sociabilidade repleta de hibridismos. O desejo pelo novo articulava-se com o apego ao velho, assim como o cosmopolitismo com hábitos e valores tradicionais. Isso sem falar que a capital, ao mesmo tempo que oferecia espaços adequados e atraentes para o convívio público, contraditoriamente inibia, com sua “geografia” segregacionista e disciplinadora, a interação entre os indivíduos.

A adequada ocupação do tempo vago não passou despercebida em Belo Horizonte. É recorrente, aliás, o discurso que tece críticas à “apatia da cidade modorrenta”, que não sabe se divertir, bem como o discurso incitador da festa, da valorização de práticas de divertimento. No jornal A Epocha, de cinco de novembro de 1905, é possível encontrar uma interessante crônica, assinada por Lucio dos Alpes, tecendo críticas à tediosa capital mineira. Uma parte do texto diz:

Nestes dias pardos e pesadamente tristonhos de Novembro, Bello Horizonte, pela atmospheria muda das ruas e largas avenidas, assemelha-se a uma cidade morta. Do céu alto parece desdobrar-se sobre ella um vasto manto de melancholia e de silencio, identificando todas as cousas na mesma tristeza. E esta Senhora

entanguida, como uma velha de longo capote aos ombros, vae pousando a mão encarquilhada sobre as comprometedoras alegrias, que desaparecem como um não sei que de indizivelmente labil e fugaz.

Pelas ruas estendem-se as duas alas funebres de arvores, farfalhando, agitadas pelo vento.

E sempre o mesmo silencio, o fatal silencio acabrunhador, que nos pesa n'alma tediosamente...

E Bello Horizonte se encolhe na modorrenta calma burocratica, sem uma festa que nos anime e nos distenda os nervos entorpecidos.

Por outro lado, no entanto, a cidade aparentemente tediosa regurgitava em festas e práticas de divertimento, ainda que contrariando e contrastando com a imagem estereotipada construída nos seus primeiros anos. A própria imprensa local, que ajudara a reforçar este estereótipo, também noticiava as diversões que habitavam a capital mineira. Em 1907, apenas dois anos após a crônica melancólica de Lucio dos Alpes, o Diário de Notícias trazia um texto consideravelmente mais animador, assinado por J. Antoine (1907, p.2). Eis um trecho:

Bello Horizonte vibra! Março ainda não findou e já a cidade dá os ultimos adeuses, despede-se jubilosamente dos tristonhos e enfarruscados mezes passados, e recebe, de braços abertos, alegre e faceira, o periodo triumphal das festas e dos “flirts” adoraveis. Corre pela cidade um fluido delicioso que a anima e a impelle para a alegria, para o riso, para a vida! As horizontinas estão radiantes! Garridamente já se preparam para a elegante “season”, discutindo com ardor qual a festa preferida, a mais “chic” e a mais elegante. Propagam-se pelos salões graciosas e interessantes discussões à respeito.

Todo este conjunto, de práticas constituídas no cotidiano do espaço urbano e moderno da nova cidade, promove uma reconfiguração permanente e conflituosa dos hábitos que viriam a ser efetivamente instituídos. Entre essas práticas, o esporte e o lazer ocupam especial destaque. Belo Horizonte, na sua tentativa de torna-se moderna, lança mão, através do smartismo, de vivências bastante particulares. Neste sentido, uma das mais requeridas formas de ocupação do espaço de tempo vago, se localizava no “sport”. É a cidade moderna também a cidade esportiva.

A Construção do “Ethos” de Torcedor: “da fina assistência à paixão clubística”

O futebol, quer como prática, quer como fruição, reveste-se de significativa importância no cotidiano da cidade. Segundo Rodrigues, “as atividades físicas esportivas simbolizavam, tanto aqui como na Europa, um lazer civilizado” (2006:154). Um relato da época expressa a forma intensa com que a prática do futebol penetrou na capital mineira (Minas Gerais, 4 out. 1904, p. 6):

Ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo dessa novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de

distintos sportmen e gentis sportwomen. Prestou-se graciosamente a servir de referee o sr. Capitão Haas, que se conservou durante toda a partida perfeitamente imparcial e attento, o que grandemente contribuiu para o bom resultado della. Venceu ainda desta vez o team do Sr. Victor Serpa por 2 gols a 1, apesar do denodo e do brilho com que se bateu o do dr. Oscar Americano. Os pontos foram marcados para os vencedores, pelos srs. José Mariano de Sales e Victor Serpa e para os vencidos pelo sr. Joaquim Brasil. A lucha esteve sempre animadíssima, o que demonstra que o popular sport está finalmente para sempre implantado em nosso áureo Estado.

Já em um outro periódico, de 1917 (p.2, 21 de setembro) intitulado “O FOOT-BALL” (o próprio título do jornal já é uma inequívoca demonstração da importância que este esporte tinha na vida da cidade neste período), é possível perceber a participação social através da assistência e do torcer no futebol em Belo Horizonte, com a charge:



Figura 01

Se a charge, em 1917, ilustrava a participação da família na assistência aos jogos de futebol, é possível notar que no advento do futebol em Belo Horizonte, já se percebia o interesse das pessoas pela contemplação deste esporte. Em 1915, ano da realização do primeiro campeonato estadual, o esporte já consolidado se caracterizava pela crescente idéia de espetacularização, com a também crescente participação do público nas arquibancadas, com características evidentes de torcedores, muito mais que meros assistentes, como no início do século. O periódico O Bello Horizonte (1915, p.2) comprova esta lógica, ao trazer, na sua nota intitulada “Sport”, o seguinte texto:

No “ground” do Prado Mineiro haverá amanhã mais um “match de foot-ball”, que será disputado entre os dois clubs America e Athletico.

Esse interessante jogo que começará à 1 hora da tarde, vai ser um sucesso em vista da fama de que gozam essas duas sociedades sportivas em nossa cidade.

As portas do Prado Mineiro, segundo está anunciado, serão franqueadas às senhoras e senhoritas.

Ao afirmar, no final da nota, que as portas do Prado Mineiro serão franqueadas às senhoras e senhoritas, podem-se abstrair duas considerações relevantes: uma, que a venda de ingressos já fazia parte de uma tentativa de instituição do espetáculo sportivo, que somente pôde se consolidar com a presença de um público torcedor; outra, que as mulheres não apenas participavam, mas constituíam-se em uma parcela do público privilegiada, obviamente, como parte de uma estratégia de atração da platéia masculina.

Para Melo (2008, p. 26), esta idéia toma uma dimensão de fato importante para a compreensão deste processo, ao afirmar:

(...) esse processo de valorização da prática sportiva, observável no decorrer do século XX, está plenamente articulado com uma série de dimensões típicas da modernidade, cujas raízes se encontram no século XIX. O esporte, um fenômeno social moderno, esteve desde o início inserido na construção de um modelo de sociedade em que as idéias de consumo e espetáculo são centrais.

Sobre o processo de formação e desenvolvimento do esporte, e mais especificamente, do futebol na cidade de Belo Horizonte, vale ressaltar que,

(...) A constituição dos espaços de jogo vinculou-se ao processo de formação do campo sportivo em Belo Horizonte. Sendo o futebol a principal atividade do gênero na cidade, seu desenvolvimento propiciou a criação não só de lugares, mas também de instituições, parâmetros de distribuição de prestígio e avaliação de competência, especialidades – a exemplo dos cronistas ou dirigentes – e um calendário próprio, definindo o início da consolidação da autonomia relativa dessa esfera frente ao meio social da capital mineira (RAJÃO, 2008, p. 123).

Toda esse processo leva, conseqüentemente, a uma passagem que vai do mero interesse pela assistência do jogo a um sentimento maior de pertencimento clubístico¹. Assim, a cidade começa a construir territórios de identidade vinculados fortemente às cores do time de futebol predileto, bem como a promover o nascimento de uma relação baseada centralmente na rivalidade, que, por vezes, extrapola as arquibancadas e se estendem a

¹ O conceito de *pertencimento clubístico* discutido por DAMO (1998), refere-se à identificação social promovida pelas relações de fidelidade, companheirismo e diferenciação que são construídas pela ligação a determinado clube de futebol.

outros espaços públicos, como bares e cafés. Neste sentido, então, é importante frisar que,

(...) Como os cafés, o cinema e o teatro, o futebol chegou ao círculo das elites belo-horizontinas como uma atividade requintada e de inspiração cosmopolita. Seus praticantes adquiriram um *status* que demarcava sua distinção social. Os *sportmen* simbolizavam o novo homem, que deveria incorporar-se às propostas higienistas de *mens sana in corpore sano*. Nessa perspectiva, torna-se compreensível as ações do Estado que elegeram o futebol como o “carro-chefe” das transformações propostas para o comportamento da população, durante as primeiras décadas do século passado. (...) A partir de então, o futebol passou a ser uma das principais atrações freqüentadas pelas elites locais. Atleticanos e americanos, que compartilhavam de um *status* social quase equivalente, tornaram-se grandes rivais nos gramados e nas arquibancadas. No entanto, nos bailes promovidos pelos seus respectivos clubes, o conagraçamento entre eles era uma prática habitual (COUTO, 2007, p.9).

Por fim, e ressaltando o fato do estudo estar em andamento, é possível localizar na gênese da constituição das torcidas de futebol em Belo Horizonte, a íntima relação que este processo estabeleceu com a própria construção de um projeto de modernidade que se pretendia, por uma parte dos seus habitantes, para a nova capital mineira. No decurso futuro que esta pesquisa vislumbra, estão abertas questões como: Qual a relação histórica entre a construção de Belo Horizonte e a formação das torcidas de futebol? Como o futebol, enquanto prática esportiva e de lazer/diversão, influenciou o desenvolvimento da capital mineira, nas primeiras décadas do século XX? Como as torcidas de futebol, na perspectiva de ocupação do tempo disponível, cumpriram uma função social específica? Estas questões norteiam centralmente este estudo, se caracterizando como problemas de investigação, a serem ainda analisadas.

Bibliografia

ALPES, Lucio dos. In: A Ephoca. 05.11.1905, p.2.

ANTOINE, J. A Season. In: Diário de Notícias, 29.03.1907, p.2.

COUTO, Euclides de Freitas. Conflito e Integração Social: paradoxos do futebol em Belo Horizonte (1908-1927). In: XXIV Simpósio Nacional de História. 2007.

JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). BH: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996, p. 49-118.

MELO, Victor Andrade de. *Esporte, Propaganda e Publicidade no Rio de Janeiro da Transição dos Séculos XIX e XX*. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, V. 29, N. 3, p. 25-40, Maio de 2008.

O BELLO HORIZONTE. Sport, 24.07.1915.

O FOOTBALL. O Foot-Ball. Belo Horizonte, p.2, 21 de setembro, 1917.
SPORT Club. Minas Gerais, 4 out. 1904, p. 6.

RAJÃO, Raphael. *Em Busca de um Campo: o futebol belo-horizontino e a transformação dos espaços da cidade (1904-1921)*. In: LINHARES, Maria Eliza (Org.). *Campo e Cidade na Modernidade Brasileira*. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

RODRIGUES, Marilita Aparecida A. *Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade: Uma Prática Moderna de Lazer na Cultura Urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (Tese de Doutorado), 2006, p. 33.

ZUT. Chronica. Novo Horizonte. Belo Horizonte, v. 1-n2, p.6,1910.

Georgino Jorge de Souza Neto

Professor da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); Mestrando em Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Membro do Grupo de Estudo de Futebol e Torcidas (GEFUT_UFMG).

Sílvia Ricardo da Silva

Doutor em Educação Física; Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Coordenador do Grupo de Estudo de Futebol e Torcidas (GEFUT_UFMG).